

ADOLESCENTES CONECTADOS: EXTRAVIOS OU POSSÍVEIS CAMINHOS?

CONNECTED ADOLESCENTS: DEVIATIONS OR POSSIBLE PATHS?

Cláudia Ferreira Melo Rodrigues **1**

Raquel Cabral de Mesquita **2**

Lorena dos Reis Gonçalves **3**

Milene Carla Santos de Azevedo **4**

Resumo: A temática da adolescência tem cada vez mais interessado à psicanálise, por se tratar de uma travessia que convoca a um potente trabalho psíquico frente à sexualidade e às novas formas de subjetivação no contemporâneo. Neste sentido, este trabalho busca pensar o ciberespaço como um dos lugares onde são representadas as respostas dos adolescentes diante da irrupção do real na puberdade, bem como destacar os enlaces, suas amarrações e os dismantelamentos na rede. As saídas cada vez mais passam pelo ciberespaço, que pode ser um lugar que reforça a desorientação, mas também que colabora para a transição adolescente, o que dependerá dos usos singulares e das contingências encontradas pelos sujeitos. A psicanálise, reserva um espaço da escuta dessas invenções ancoradas nas vivências virtuais, onde ele possa endereçar seus impasses, ensaiar possibilidades e construir um saber inédito.

Palavras-chave: Adolescentes. Psicanálise. Contemporaneidade. Ciberespaço.

Abstract: The theme of adolescence has been of increasing interest to psychoanalysis, as it is a crossing that calls for a powerful psychic work in the face of sexuality and the new forms of subjectivation in the contemporary world. In this sense, this work seeks to think of cyberspace as one of the places where adolescents' responses to the irruption of reality at puberty are represented, as well as highlighting the links, their ties and the dismantling of the network. The exits increasingly pass through cyberspace, which can be a place that reinforces disorientation, but also that collaborates with the adolescent transition, which will depend on the singular uses and contingencies encountered by the subjects. Psychoanalysis reserves a space for listening to these inventions anchored in virtual experiences, where it can address its impasses, test possibilities and build unprecedented knowledge.

Keywords: Teenagers. Psychoanalysis. Contemporaneity. Cyberspace.

- 1** Doutora em Ciências da Saúde pela UFSJ, com ênfase em Saúde Coletiva. Docente na Faculdade Pitágoras – Divinópolis. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0456861753750346>. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-7111-9648>. Email: melo.claudia@hotmail.com
- 2** Psicóloga. Psicanalista. Doutora em Educação pela UFMG. Professora da Faculdade Pitágoras Divinópolis e FANS (Faculdade de Nova Serrana). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8835053603540057>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-7487-0270>. Email: raquelcmesquita@hotmail.com
- 3** Graduada em Psicologia pela Faculdade de Divinópolis (FACED). Pós-graduada em Psicanálise e Saúde Mental. Atua em atendimentos a adolescentes e adultos no consultório particular. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1631460100276032>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7389-7953> Email: lorenadivi04@gmail.com
- 4** Graduada em Psicologia pela Funedi/UEMG. Pós-graduada em Psicanálise: clínica com crianças e adolescentes pela PUC Minas. Atua em consultório particular, atendendo crianças, adolescentes e adultos. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9066727826393671>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-7411-420X>. Email: milenecarlasantos@hotmail.com

Introdução

Embora a juventude sempre tenha existido, o conceito de adolescência é recente – ele aparece na cultura do Ocidente no século XX (LE BRETON, 2013, 2017). A adolescência é evidenciada como um tempo de transição, que envolve a saída da infância e a entrada no mundo adulto. Os ritos e marcos que determinavam a vida adulta, como o casamento, ou a castidade, estão cada vez mais escassos e produzem efeitos de desorientação da ordem simbólica. Viola (2016), ao abordar o enfraquecimento dos ritos, descreve como consequência a perda da referência simbólica suficiente para organizar e orientar a vida. Segundo a autora, um dos efeitos é a representação de uma adolescência padronizada de acordo com as tendências sociais que mudam a partir dos modismos.

Os ritos, como marcos coletivos, em outros tempos, balizavam a iniciação do adolescente no espaço adulto por uma referência paterna que o conduziria a uma solução através de uma inscrição. Na atualidade, nos deparamos com o desfavorecimento da via simbólica para a saída da adolescência e inscrição no mundo adulto, no qual “o reinado do gozo substituiu o reinado do pai e da transmissão” (CAPANEMA; VORCARO, 2012, p. 155). Assim, não podendo se valer das referências paternas, quais são os caminhos possíveis para um jovem concluir essa trajetória? A temática da adolescência tem interessado, cada vez mais, a psicanálise, por se tratar de uma travessia que convoca a um potente trabalho psíquico frente à sexualidade e às novas formas de subjetivação no contemporâneo.

Desde seu surgimento, o ciberespaço vem ganhando amplitude e força como um lugar capaz de conectar as pessoas aos seus interesses, contribuindo para o avanço da sociedade e também, por outro lado, como reforçador do capitalismo na nossa época. O ciberespaço é nomeado como “espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores” (LÉVY, 1999, p. 92). Através da ótica da psicanálise, é preciso analisar como o ciberespaço afeta nossas relações e nos convoca a responder sob suas insígnias. Aos adolescentes, não é diferente: o ciberespaço é reconhecido como o território dos mais jovens, que navegam pela internet se deparando com a maior diversidade de questões que a orientação atual não tem conseguido abarcar. Porém, os usos e percursos são singulares, tanto na adolescência quanto no ciberespaço, implicando um estudo apurado daquilo que se apresenta na clínica na contemporaneidade.

Este trabalho busca pensar no ciberespaço e no digital, onde são representadas as respostas e saídas dos adolescentes diante da irrupção do real na puberdade, bem como destacar os enlaces, suas amarrações e seus dismantelamentos na rede. Seria o ciberespaço um lugar possível de invenção e solução sintomática? Quais são os atravessamentos das virtualidades nos novos modos de subjetivação?

A psicanálise e sua ótica sobre adolescência

Freud (1905/2016) menciona o termo puberdade, descrevendo transformações corporais próprias deste período. No texto, ele refere-se à puberdade como o segundo tempo da sexualidade, no qual há um retorno da pulsão. A sexualidade consiste em dois tempos lógicos: o primeiro, o pré-genital, e o segundo, o primado das zonas genitais, nomeado como puberdade. Entre estes dois tempos, há o período de latência, no qual a sexualidade permanece recalçada (FREUD, 1905/2016). Na puberdade, o que até então se encontrava latente retorna, convocando o adolescente à entrada no sexual.

Freud (1905/2016, p. 196) nos diz que o tempo da puberdade é “como a perfuração de um túnel a partir dos dois lados”, em que de um lado é necessário ultrapassar a autoridade das figuras parentais e do outro está a travessia convocada pela reconfiguração do corpo e dos interesses da infância. A puberdade chama o corpo a um ordenamento duplo, que consiste na eleição pelo sujeito de um objeto de investimento sexual e, ao mesmo tempo, como objeto de investimento do outro. Este movimento acarreta um excedente pulsional, exigindo do adolescente um encaminhamento a isto que excede e se manifesta em transformações angustiantes, envolvendo a separação dos pais e o enfrentamento da sexualidade.

Este momento também equivale a uma reedição do complexo de Édipo, pois convida o adolescente a atualizar o encontro com o objeto ao qual precisou abdicar no final do Édipo, provocando a retificação de fantasias infantis e uma reconstrução da própria imagem corporal. Para Rassial (1999), a criança aceitou a interdição por ser acompanhada por uma promessa de uma satisfação que viria mais tarde. Neste sentido, a adolescência marcaria este momento, em que “a promessa do Édipo se mostra enganadora” (RASSIAL, 1999, p. 47). A partir daí, há uma busca por novos objetivos de identificação, que causam um curto-circuito na relação com o Outro, e a operação adolescente dependerá de novos significantes.

Sabemos, desde Freud, que o despertar da segunda onda pulsional é um momento crucial para o sujeito e também para o progresso da sociedade.

Ao crescer, o indivíduo liberta-se da autoridade dos pais, o que constitui um dos mais necessários, ainda que dolorosos, resultados do curso do seu desenvolvimento. Tal liberação é primordial e presume-se que todos os que atingiram a normalidade lograram-na pelo menos em parte. Na verdade, todo o progresso da sociedade repousa sobre a oposição entre gerações sucessivas (FREUD, 1908-1909/1996, p. 219).

A puberdade implica, em certa medida, a queda dos semblantes e das escoras narcísicas, provocando o desligamento da autoridade parental ao mesmo tempo em que torna possível ocupar um lugar entre muitos. Segundo Stevens (2004), a adolescência pode ser pensada como um sintoma da puberdade. Neste período de impasses e confronto com o real do sexo, o adolescente busca construir saídas.

Lacan (1974/2003), em seu ensino ao retomar a peça **O despertar da primavera**, de Wedekind, analisa o desenrolar da história associando o despertar da sexualidade a partir da emergência da puberdade a alguns pontos importantes que correspondem a uma versão particular do pai, como o semblante. Na peça em questão, três adolescentes vivenciam o despertar e a iniciação da sexualidade. É possível ver como cada um dos personagens experiencia este momento de uma forma única, ou seja, como o real do sexo se inscreve para cada sujeito. Ao final da peça, o autor lança mão do “homem mascarado”, ao que Lacan analisa como semblante capaz de orientar o jovem personagem que se encontrava tragicamente afetado.

O homem mascarado assegura e permite um bom uso dos semblantes para orientar a vida. Trazendo uma saída possível entre aqueles que o denunciam cinicamente e os que fazem uso canalhesco. É o que possibilita a invenção singular do sujeito, atando o amor, o desejo e o gozo. Se situa como uma ferramenta a qual se serve frente ao buraco no real que implica o sexo (GODOY; SCHEJTMAN, 2011, p. 59).

O encontro com o sexual causa um impacto na vida dos sujeitos, produzindo alterações na organização psíquica frente à sexualidade e inaugurando um novo percurso no qual cada um deverá encontrar uma resposta singular para aquilo que o afeta. Na contemporaneidade, temos notícias das mais diversas saídas inventadas pelos adolescentes para tentar suportar o novo que se apresenta e avançar em direção à vida adulta.

De acordo com Deluz (1999), os ritos de passagem colaboram para que os adolescentes assumam um outro lugar, o lugar social. Nas sociedades tradicionais, os ritos de passagem eram relacionados a sacrifícios corporais, que inseriam o sujeito no campo do outro. O corpo era marcado, por vezes acompanhado por dor e sofrimento. No entanto, o valor simbólico estava presente, e o jovem era reconhecido como adulto pela sociedade. Esses ritos de passagem em direção à vida adulta ocorriam de acordo com cada cultura e eram passados de geração para geração, oferecendo balizas simbólicas capazes de nortear os jovens nesta travessia marcada pela tradição. Atualmente, os rituais estão cada vez mais precários, o que dificulta o acolhimento dos adolescentes no laço social e os lançam em direção ao pior, pois, sem orientação simbólica que seja suficiente, como nos diz Lacadée (2011), as tentativas de ritualizar o acesso à idade adulta e de se localizar no mundo, para muitos adolescentes, realizam-se através das condutas de risco.

A adolescência contemporânea apresenta-se marcada pelo enfraquecimento das saídas simbólicas para o excedente pulsional da puberdade. Não se pode esperar isso do universal dos ritos e da “figura de peso” freudiana, nem dos significantes mestres ou do nome do pai sugeridos por Lacan. Deste modo, o adolescente percebe-se diante de um tempo em que

[...] os semblantes estão confusos, as balizas simbólicas já não dão tanta sustentação à transmissão vertical: o Nome do Pai, o Ideal do eu, as insígnias do Outro. Isso leva os jovens na contemporaneidade a construir respostas com seus próprios recursos, usando a transmissão horizontal, a identificação com os pares, os modismos, as “comunidades de gozo”. Essa falta de referência estimula a experimentação. Cada um procura, pela própria experiência, o que é melhor para ele, o que lhe dá mais satisfação (FERREIRA, 2016, p. 4, grifo do autor).

Na dinâmica do mundo contemporâneo, destacamos o declínio da figura paterna (representante da lei e organizador das normas) e as transformações superegóticas (ligadas ao gozo do consumo da ordem capitalista) como aspectos que dificultam a experiência de subjetivação da adolescência, uma vez que possibilitam, como resposta à puberdade, o oferecimento do corpo em detrimento de um ideal. Os ideais, em outros tempos, ajudavam a modular ou cercar o gozo, mas, na atualidade, quando se dá ênfase ao corpo, esse gozo se mostra exacerbado nos sintomas contemporâneos (OLIVEIRA; HANKE, 2017). Portanto, é considerando esse contexto que analisamos novos modos de subjetivação utilizados pela adolescência na contemporaneidade.

Contemporaneidade, novos modos de subjetivação e virtualidade

Na atualidade, o virtual aparece como uma janela de experiências para os adolescentes e jovens. Com as inúmeras transformações na cultura, presenciamos novas formas de laço social. Na cultura digital, o ciberespaço ocupa, para muitos, um lugar social, um propulsor das mais diversas expressões e de endereçamentos: “o real e o virtual entrelaçam-se no curso de suas existências, expandindo o espaço psíquico para o universo digital por eles frequentado” (LE BRETON, 2017, p. 15). A ausência de ritos de passagem, a reorganização da imagem corporal de criança e as alterações da relação com as figuras de referência, a procura por novas identificações e a busca pelas respostas possíveis diante do encontro com o impossível, associadas às exigências do nosso tempo em que o gozo tem importância considerável, são causa de muito embaraço para os jovens. Algumas saídas inovadoras contam com o ciberespaço como campo no qual se tornam possíveis, mas há também aquelas em que o sujeito se encontra em risco iminente.

Moreira, Rodrigues e Pereira (2021) localizam na contemporaneidade o empobrecimento do laço social, o declínio das relações políticas e a indiferenciação geracional frutos da tendência a coisificar, virtualizar e superficializar a vida, que conduzem importantes mudanças subjetivas. Assim, os novos modos de subjetivação marcam a clínica do excesso, e os sintomas com predomínio de gozo denunciam o mal-estar dos sujeitos adolescentes. Cosenza (2021) afirma que o excesso, que nomeia as manifestações patológicas observadas atualmente, se constitui como uma solução genérica que o sujeito utiliza para se proteger contra o pior.

Estas soluções se convertem em formas de gozo constantes e repetitivas, caracterizadas por um sistema de práticas organizadas na vida cotidiana. Este real não se dá tanto no sentido de um gozo parcial, sempre perdido, e sim na forma de uma plenitude excessiva, um gozo massivo que eclipsa o sujeito que o experimenta. É uma experiência que deixa o sujeito à deriva, mais além do princípio do prazer, em direção a um prazer no qual está presente um risco de morte e devastação (COSENZA, 2021, p. 77).

A falta de amparo da função paterna na adolescência, que implica o sujeito a inventar suas próprias articulações, reforçada pela contemporaneidade, que concentra esforços para anulação da falta e exigência de satisfação, coloca em cena a ausência dos suportes simbólicos. A satisfação pulsional passa a ser buscada em objetos gadgets, e deparamos-nos com anorexia, depressão e fenômenos de *acting outs* e passagens ao ato. Também os sintomas de adicção, como exemplo as toxicomanias, denunciam o excesso de gozo e tentativa de apaziguamento da angústia. Cosenza (2021) afirma que estes modos de gozo se caracterizam pela ausência do Outro e se organizam em torno de um circuito fechado, mas que, se por um lado cumprem uma função estabilizadora para o sujeito, de evitação da ansiedade e angústia, por outro, reforçam o surgimento das práticas de gozo.

Muito se ouve falar sobre a influência do ciberespaço nas patologias contemporâneas, bem como nos fenômenos de *actings outs*, que têm se apresentado na atualidade. Sabe-se que o excesso de exposição às imagens, especialmente nas redes sociais, veicula modos de gozo e que os objetos de consumo estão cada vez mais presentes, numa tentativa desenfreada de satisfação e tamponamento da falta.

Vianna, Jesus e Freitas (2017, p. 81), sobre as adicções, nos dizem:

[...] tentativa de o sujeito se anestesiarem diante do mal-estar que advém da dificuldade de responder às demandas da cultura, que exigem a sustentação de um lugar no social, na estrutura familiar, vida profissional ou afetiva. Não é por acaso que muitos casos de dependência química começam durante a adolescência e início da idade adulta, quando é exigido que o sujeito faça escolhas significativas, como a escolha de uma carreira, e quando os relacionamentos afetivos e sexuais começam a dominar o universo do adolescente.

Ocupar e sustentar um lugar no social pode se tornar uma grande exigência para os adolescentes, levando-os a diversas soluções. Diante da multiplicidade de arranjos e respostas das adolescências, o ciberespaço aparece como lugar de endereçamento e construções fantasiosas. O adolescente à deriva, atravessado pela queda dos ideais e sem uma orientação que lhe dê suporte simbólico, busca no virtual encontrar balizas, direcionando demandas à máquina e encenando identificações horizontais, a partir de inúmeras referências. Miller (2016) diz que, hoje, há uma autoerótica do saber; o saber já não é mais extraído do campo do outro. Por essa lógica, cada vez mais pais e instituições se queixam do uso exacerbado dos meios virtuais e da dificuldade em acessar os adolescentes atualmente.

Adeptos da técnica e autodidatas, eles desembocam numa espécie de culto do objeto-saber. Navegando na internet, circulam em uma rede de informações sem autoria. O saber se apresenta em posição de objeto a ser assimilado, a ser devorado, consumido. Um saber por sua própria conta, sem valor de herança e que pretende dar provas de economia de um pai. Como uma das figuras da errância adolescente, o internauta é o *flaneur* virtual. Retira-se das ruas e vagueia sem rumo pela tela. Acessar sítios sem, no entanto, demarcar seu lugar. Acede a saberes sem, no entanto, construir filiações (LIMA, 2009a, p. 118, grifo da autora).

Na carência de um saber capaz de orientar e amparar o embaraço promovido pelos atravessamentos deste tempo, cada adolescente precisará arquitetar o seu, tecendo o caminho para reconfiguração do seu lugar no laço social. Não se deve negligenciar os riscos que o uso do digital pode acarretar, mas é fundamental que pensemos nas possibilidades e nas saídas que estes espaços podem representar para os adolescentes e jovens contemporâneos.

Ciberespaço: um lugar possível de invenção?

O ciberespaço como um campo amplo oferece múltiplas formas de conexão. Assim, as

formas de atuação do adolescente nesse espaço também são múltiplas e singulares. Uma vez que as novas tecnologias estão cada vez mais presentes, o que se trata, aqui, é de pensar no virtual como um espaço que apresenta inúmeras possibilidades aos jovens e, portanto, para além dos impasses, pode ser vislumbrado enquanto campo no qual também se faz laço.

O movimento característico da adolescência, inaugurado pelo rearranjo da imagem corporal e da exigência de ocupar um novo lugar no social e a constatação da inexistência do Outro, encontra boas saídas quando é demarcado pela busca de um semblante que possa construir um sentido para o impossível. Ocupar um lugar entre muitos através de uma solução singular é uma tarefa difícil em nossa contemporaneidade, mas pode ser realizada através do ciberespaço. LIMA, LISITA E KELLES (2022), destacam a internet como um lugar onde os adolescentes passam muitas horas navegando, tornando-se um dispositivo que propicia a inauguração de formas inventivas como, por exemplo, novas modalidades identificatórias.

Os adolescentes e jovens buscam novas experiências no espaço virtual. Além disso, é ali que muitos deles irão (re)construir fantasias. Freud (1908/1996), em “Escritores criativos e devaneios”, diz que os primeiros traços do fantasiar já se encontram na infância e, por meio do brincar, criam um mundo próprio. Essas fantasias são um retorno das recordações com os pais, ou seja, elas conservam, de certo modo, a onipotência dos pais. Na adolescência, as construções de fantasias no virtual aparecem como possibilidades de apoio na elaboração do luto das figuras dos pais, não mais onipotentes, e do corpo infantil.

A fantasia é como o sujeito se apresenta na realidade psíquica diante do que lhe falta, um possível meio de lidar com as questões conflituosas e as exigências pulsionais. O ciberespaço propicia vivências fantasiosas, uma vez que a tela suspende a realidade, abrindo janelas para o campo das fantasias (GONÇALVES, 2022, p. 75).

Neste sentido, a virtualidade se relaciona ao conceito de fantasia e nos leva a refletir sobre as saídas encontradas pelos adolescentes durante a reconstrução da fantasia. A identificação dos adolescentes com a ficção, personagens de filmes, jogos, amores impossíveis, entre outros, pode representar os modos como cada um particularmente lida com este período.

Em muitos casos, circular no espaço virtual proporciona estar em contato com figuras que sustentam o saber, como professores e mestres que promovem orientação, com outros adolescentes aos quais podem se identificar, firmando esse lugar possível em que o adolescente pode construir sua resposta ao real que irrompe. As produções no virtual, como a escrita dos blogs e livros, os encontros através dos jogos *on-line*, as criações de inovações tecnológicas e os vídeos sobre estudos e temas direcionados à vivência adolescente, propiciam a alguns adolescentes fazer laços.

Freud, em “Psicologia das massas e análise do eu”, coloca a identificação como “a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa” (FREUD, 1921/1974, p. 133). Na adolescência, há a busca por outras referências de identificação, para além das figuras dos pais, assim, o cenário do ciberespaço se apresenta propício para a promoção da identificação, especialmente entre os pares.

No advento da pandemia causada pela Covid-19, os adolescentes nomeados como “a geração do quarto” se sentiram desamparados, sozinhos sem seus quartos. Afastados dos ambientes sociais e da escola como instituição organizadora, tiveram de se haver com as transformações corporais, psíquicas e sociais longe das referências dos professores e dos pares, inseridos em uma vida sem compartimentos com as figuras parentais, uma vez que as novas identificações são essenciais. Como operar o desligamento das figuras parentais e a busca por novas referências estando isolados em suas casas com a presença dos pais? O acesso ao mundo externo estava a um clique de distância e, para muitos, essa foi a saída possível capaz de sustentar esse movimento próprio do adolescer.

Com o declínio da função do pai na contemporaneidade e a insuficiência do Nome-do-Pai para dar conta de sustentar um sentido para a não relação neste momento, o adolescente é impulsionado a reorganizar seu posicionamento no mundo e sua articulação com o gozo. Capanema (2015) elabora a ideia de que, na adolescência, ao mesmo tempo em que o nó que alicerça a

condição psíquica se desfaz, também se articula um tempo que coloca o sujeito em condição de servir-se do Nome-do-Pai para construir sua própria versão paterna. Lacan, em seu ensino, aponta para a pluralidade do Pai alicerçando sua manifestação como semblante. Assim, o autor descreve que “O Pai tem tantos e tantos que não há Um que lhe convenha, a não ser o Nome do Nome do Nome. Não há Nome que seja seu Nome-Próprio, a não ser o Nome como ex-sistência. Ou seja, a aparência (*semblant*) por excelência” (LACAN, 1974/2003, p. 559, grifo do autor).

Será necessário que cada adolescente construa um semblante, uma pai-versão que promova o enlace dos registros psíquicos, ou seja, uma versão do pai como sintoma. Em **Seminário, livro 23**: o sinthoma, Lacan (1975-1976/2007) faz referência às versões em direção ao pai, localizando sua função de sintoma que amarra imaginário, simbólico e real. Neste sentido, a escuta das invenções adolescentes, especialmente no ciberespaço, nos indicará a direção de sua construção e possibilitará acolher e intervir em sua passagem.

É nessa medida que as atuações no virtual podem se constituir como soluções sintomáticas, ou seja, como rearranjos possíveis diante do encontro com o inesperado. Lima (2009b), ao abordar a escrita de alguns blogs por adolescentes como solução sintomática para o irrompimento do real, relaciona a escrita à construção de um romance familiar capaz de tecer um véu fálico, que confere sentido para o vazio. A autora também destaca que “o endereçamento de uma fala a um outro leva à transformação de um vivido em história, que pode ser transmitida” (LIMA, 2009b, p. 359) e, assim, dessa construção própria, a partir de um novo, se faz possível o laço social.

O que pode a psicanálise?

Freud (1937/2021), no texto “Construções em análise”, associa o trabalho do analista ao de uma construção, na qual o paciente é levado a recordar sua história pregressa, possibilitando, assim, uma nova elaboração a partir das construções do analista. A disposição em receber adolescentes em análise coloca o analista em posição de considerar este movimento iniciado pelo real do sexo na vida desses sujeitos. A construção será feita a partir do trabalho pela via da palavra, iniciando pela retomada dos afetos infantis, a fim de que o *setting* se constitua como um suporte a mais para serem reatualizados ou reconstruídos.

Lacan (1955-1956/1998) nos indica uma posição, “que antes renuncie a isso, portanto, quem não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época” (LACAN, 1955-1956/1998, p. 322). O que podemos extrair desta afirmação de Lacan vai ao encontro da proposta de considerar o ciberespaço como um local de movimento adolescente, pois é, atualmente, o espaço onde o jovem circula por excelência, realizando conexões e amarrações.

Como vimos anteriormente, os adolescentes chegam à clínica psicanalítica contemporânea com sintomas com predomínio de gozo, primazia de respostas em atos e as mais diversas manifestações físicas e psíquicas. Frente ao indizível que os atravessa, eles buscam significantes que sejam capazes de nomear.

Esses sintomas que aparecem no momento em que o adolescente deseja ser visto e reconhecido de um jeito novo evidenciam uma clínica do objeto olhar e do ideal do eu, onde o que se mostra é também o que deseja ser ouvido, a fim de encontrar uma resposta (LACADÉE, 2011/2012, p. 264).

O analista que convida o adolescente a falar sobre suas conexões virtuais aposta em uma conexão com o adolescente no *setting*, localizando a lógica discursiva daquele sujeito e a função do virtual em sua história. A partir disso, inauguram-se possíveis vias do novo em seu dizer. “É diante da presença do analista que o adolescente pode construir ou elaborar uma posição subjetiva, sabendo que de onde ele fala o analista estará ali, na escuta, a sustentar e a suportar o seu desejo.” (ANDRADE; LANG, 2020, p.308) Com a oferta da palavra, o adolescente pode renunciar um pouco do gozo em excesso e, através do laço transferencial, compartilhar suas experiências virtuais em presença, possibilitando produções simbólicas e construções de narrativas “...a palavra, este atributo da ordem simbólica, mostra-se capaz de enlaçar real e imaginário possibilitando certo

tratamento do real do gozo.” (BERNI;NOBRE;LIMA, 2021,p.39388)

Um Outro encarnado na figura do analista e que possa autenticar as produções e invenções dos adolescentes conectados permite criar condições para que o adolescente produza um saber sobre seu próprio sintoma, sendo possível inventar e “encontrar o lugar e a fórmula” (RIMBAUD, 1991, p. 349). Neste sentido, a clínica psicanalítica com adolescentes irá operar com questões que afetam diretamente essa travessia, no um a um e caso a caso, auxiliando-os na produção de novos significantes que irão norteá-los ao novo. “A psicanálise, por sustentar a maturação, deve oferecer o lugar e o laço da associação livre como tradução possível” (LACADÉE, 2011/2012, p. 265). A análise sustentada pela transferência abre acesso ao desejo e novos enlaces com o objeto a, além do “ponto de onde”, do ideal do eu (LACADÉE, 2008). Uma saída inventiva frente à tarefa de ocupar um lugar no laço social.

Considerações Finais

Como nos transmite o ensino de Freud a Lacan, a puberdade mobiliza intensa reorganização psíquica e tem efeito em todas as esferas da vida, tanto dos jovens quanto de seus cuidadores. O trabalho empreendido neste tempo considera um real insurgente e impossível de significação que desestabiliza a relação do sujeito com o laço social e impõe certa reorganização que convoca a uma saída sintomática, denominada adolescência.

A contemporaneidade, marcada pelo imperativo capitalista e o enfraquecimento das tradições que antes delimitavam na cultura a passagem adolescente, faz deste contexto um tempo em que se torna mais difícil encontrar ancoragem para a travessia. Neste sentido, cada adolescente precisa inventar uma solução diante do impasse instaurado pelo impossível. A observação e a escuta nos mostram que as saídas cada vez mais passam pelo ciberespaço, que tanto pode ser um lugar que reforça a desorientação, mas também um espaço que colabora para a transição adolescente, o que dependerá dos usos singulares e das contingências encontradas pelos sujeitos.

O ponto fundamental que procuramos trabalhar neste artigo incide sobre a relação dos adolescentes com as virtualidades no contemporâneo, em tentativas particulares para apoio durante este período. Foi possível elencar o ciberespaço como um lugar possível de fazer laço e de inventar e se organizar diante dos embaraços da adolescência. As vivências e as relações no virtual podem contribuir com a construção de um saber fazer diante dos sintomas na adolescência, não sem um Outro de carne e osso que autentique estas construções e convide o adolescente a nomear e traduzir o indizível que o atravessa.

A psicanálise, atenta às transformações de seu tempo, reserva o espaço da escuta das invenções adolescentes ancorada nas vivências virtuais e possibilita um lugar onde eles possam endereçar seus impasses, ensaiar possibilidades e construir um saber inédito para a saída do túnel.

É através do manejo e das intervenções do analista que se faz possível ressoar outra coisa. Além do sentido, faz surgir a emergência do sujeito como efeito do significante através da palavra. Tudo isso é possível, no caso a caso e na escuta no um a um, uma vez que não podemos nos abster de dizer sobre os impasses, os desafios e as condutas de risco que o adolescente pode vivenciar se desamparado na rede. Neste sentido, a clínica psicanalítica com adolescentes opera sob transferência a fim de implicá-los enquanto sujeitos desejantes e protagonistas de suas próprias histórias, auxiliando-os na produção de novos significantes, capazes de orientá-los durante o trabalho psíquico existente nesta travessia.

Referências

ANDRADE, Luciana Carla Lopes de; LANG, Charles Elias. A transferência na clínica psicanalítica com adolescentes. **Estilos da Clínica**, São Paulo, v. XXV, nº 2, p. 297-312, 2020.

CAPANEMA, Carla Almeida. **A contingência da paternidade como forma de amarração do quarto**

elo do nó borromeano na adolescência. 2015. 168 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUBD-AA5GFL>. Acesso em: 23 nov. 2022.

CAPANEMA, Carla Almeida; VORCARO, Angela. Modalidades do ato na particularidade da adolescência. **Ágora – Estudos em Teoria Psicanalítica**, Rio de Janeiro, v. XV, n. 1, p. 151-163, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/66NYxjqdGmrCqZ4G9t8wxMc/?lang=pt>. Acesso em: 23 out. 2022.

COSENZA, Domenico. Hacia una clínica del exceso: síntomas contemporáneos y la orientación a lo real. **ABC la Cultura del Psicoanálisis**, Buenos Aires, n. 5, p. 71-83, 2021.

DELUZ, Ariane. Comunicação de Ariane Deluz. In: DELUZ, Ariane *et al.* (Orgs.). **A crise da adolescência**. Tradução de P. Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

FERREIRA, Roberto Assis. Adolescência, o que é? **Almanaque On-Line do Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais**, Belo Horizonte, n. 17, 2016. Disponível em: <https://www.institutopsicanalise-mg.com.br/index.php/adolescencia-o-que-e>. Acesso em: 20 nov. 2022.

FREUD, Sigmund. Construções em análise. In: **Fundamentos da clínica psicanalítica. Obras incompletas de Sigmund Freud**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. (Obra publicada originalmente em 1937).

FREUD, Sigmund. Escritores criativos e devaneios. In: **Obras completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira, vol. IX. Trad. de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Obra publicada originalmente em 1908).

FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do eu. In: **Além do princípio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 89-179. (Obra publicada originalmente em 1921).

FREUD, Sigmund. Romances familiares. In: **“Gradiva” de Jensen e outros trabalhos**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Obra publicada originalmente em 1908-1909).

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: **Obras completas**, vol. 6. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. (Obra publicada originalmente em 1905).

GODOY, Claudio; SCHEJTMAN, Fabián. Versiones del padre, semblante y ex-sistencia. **Anuário de investigaciones**, Buenos Aires, v. XVIII, p. 57-60, 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3691/369139947056.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2022.

GONÇALVES, Lorena. O sujeito contemporâneo atravessado pelas virtualidades. In: LEITE, Cláudia Aparecida de Oliveira; FONSECA, Enisete Correia (Orgs.). **Parlêtre: psicanálise, pesquisa e transmissão**. 1. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2022.

LACADÉE, Philippe. A clínica da língua e do ato nos adolescentes. **Responsabilidades**, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 253-268, set. 2011/fev. 2012. Disponível em: <https://silo.tips/download/a-clinica-da-lingua-e-do-ato-nos-adolescentes>. Acesso em: 21 nov. 2022.

LACADÉE, Philippe. **O despertar e o exílio**: ensinamentos psicanalíticos da mais delicada das transições, a adolescência. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2011.

LACADÉE, Philippe. O púbere em que circula o sangue do exílio e de um pai. **Revista Estudos Psicanalíticos**, Belo Horizonte, ano 1, n. 2, p. 229-238, jul./dez. 2008. Disponível em: pepsic.bvsalud.org/pdf/rel/v1n2/v1n2a04.pdf. Acesso em: 23 nov. 2022.

LACAN, Jaques. Função e Campo e da Fala e da Linguagem em Psicanálise. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 322, 1998. (Obra publicada originalmente em 1955-1956).

LACAN, Jaques. **O Seminário, livro 23**: o sinthoma. Texto estabelecido por Jacques Alain Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. (Obra publicada originalmente em 1975-1976).

LACAN, Jaques. Prefácio a **O despertar da primavera**. In: **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. (Obra publicada originalmente em 1974).

LE BRETON, David. Adolescência e comunicação. In: LIMA, Nádía Laguárdia de *et al.* (Orgs.). **Juventude e cultura digital**: diálogos interdisciplinares. Belo Horizonte: Artesã, 2017. p. 15-31.

LE BRETON, David. **Uma breve história da adolescência**. Tradução de Andréa Maris Campos Guerra *et al.* Belo Horizonte: PUC Minas, 2013.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de C. I. da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LIMA, Nádía Laguárdia de; LISITA, Helena Greco; KELLES, Natália Fernandes. Adolescência e Virtualidade. In: GRILLO, Cristiane de Freitas Cunha; ROCHA, Bianca Ferreira; MOURÃO, Mateus (Orgs.). **Janela da Escuta**: O adolescente especialista de si e a tessitura de uma rede sob medida. 1.ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2022.

LIMA, Maria Celina Peixoto. O declínio do mestre e suas relações com o saber na adolescência: novas reflexões sobre a psicologia do escolar. **Estilos da Clínica**, São Paulo, v. XIV, n. 27, p. 112-123, 2009a.

LIMA, Nádía Laguárdia de. **A escrita virtual na adolescência**: os blogs como um tratamento do real da puberdade, analisados a partir da função do romance. 2009. 394 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação – Faculdade de Educação – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009b.

MILLER, Jacques-Alain. Em direção à adolescência. **Opção Lacaniana**, São Paulo, n. 72, p. 20-30, 2016.

OLIVEIRA, Humberto Moacir de; HANKE, Bruno Curcino. Adolescer na contemporaneidade: uma crise dentro da crise. **Ágora**, Rio de Janeiro, n. 2, p. 295-310, maio/ago. 2017. Disponível em: [https://www.scielo.br/j/agora/a/4jFrrdpMF8HBsMgFwMWkdqr/?lang=pt&format=pdf#:~:text=Adolescer na contemporaneidade é adolescer,na clínica psicanalítica desses jovens](https://www.scielo.br/j/agora/a/4jFrrdpMF8HBsMgFwMWkdqr/?lang=pt&format=pdf#:~:text=Adolescer na contemporaneidade é adolescer,na clínica psicanalítica desses jovens. Acesso em: 21 nov. 2022.). Acesso em: 21 nov. 2022.

MOREIRA, Jacqueline de Oliveira; RODRIGUES, Bianca Ferrera; PEREIRA, Marcelo Ricardo. Pandemia, corpo, virtualidades: reflexões psicanalíticas. **Estilos da Clínica**, São Paulo, v. XXVI, nº 2, p. 192-203, 2021.

RASSIAL, Jean Jacques. A adolescência como conceito da teoria psicanalítica. In: Associação Psicanalítica de Porto Alegre (Org.). **Adolescência entre o passado e o futuro**. Porto Alegre: Artes e Ofícios: 1999.

RIMBAUD, Arthur. *Œuvre-vie*. Édition du centenaire établie par Alain Borer, Arléa/Le Seuil. Paris: Arléa, 1991.

STEVENS, Alexandre. Adolescência, sintoma da puberdade. **Curinga: Clínica do Contemporâneo**, Belo Horizonte, n. 20, nov. 2004.

Tassara Berni, J., Rimet Nobre, M., de Lima, N. L., & da Silva Gomes, P. (2021). Adolescentes e o uso sintomático de tecnologias digitais: O lugar da palavra / Adolescents and the symptomatic use of digital technologies: The place of the word. *Brazilian Journal of Development*, 7(4), 39381–39390. <https://doi.org/10.34117/bjdv7n4-411>

VIANNA, Alexandra de Gouvêa; JESUS, Ariadne Fantasia; FREITAS, Yago Pereira de. As adições: de que se trata? **Analytica: Revista de Psicanálise**, São João del-Rei, v. 6, n. 10, p. 76-86, jan./jun. 2017. Disponível em: pepsic.bvsalud.org/pdf/analytica/v6n10/08.pdf. Acesso em: 28 out. 2022.

VIOLA, Daniela Teixeira Dutra. **O momento-limite conceitual**: um estudo sobre as implicações sociais e subjetivas do saber na passagem adolescente. 2016. 290 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUBD-A9GLDZ>. Acesso em: 23 nov. 2022.

Recebido em 16 de Janeiro de 2023.

Aceito em 08 de fevereiro de 2023.